



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

## SOB O OLHAR DO ESTRANGEIRO: O RIO GRANDE DO SUL NA PERSPECTIVA DO DR. CARL WINTER, DE O TEMPO E O VENTO



## UNDER THE VIEW OF THE FOREIGNER: RIO GRANDE DO SUL ACCORDING TO THE PERSPECTIVE OF DR. CARL WINTER, FROM O TEMPO E O VENTO

Carina Fior Postingher BALZAN  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do  
Rio Grande do Sul, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 14/06/2019 • APROVADO EM 07/01/2020

---

### Resumo

---

O artigo aborda a personagem Carl Winter, presente em *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento* (1949), de Erico Verissimo. A teoria da personagem (CANDIDO, 1998; BRAIT, 1999) embasa a análise, complementada pelos estudos críticos de Chaves (2006), Bordini (1995), Vellinho (2001), Zilberman (2004), entre outros, e pela historiografia do Rio Grande do Sul (CÉSAR, 1971; FLORES, 1988; HOHLFELDT, 1998; REVERBEL, 1996), estabelecendo uma relação entre a Literatura e a História. Na construção da personagem, a perspectiva de um estrangeiro, médico de profissão, pertencente à cultura europeia constitui

um hábil recurso narrativo empregado pelo escritor para apresentar uma visão crítica sobre a sociedade rio-grandense do século XIX.

---

## Abstract

---

The paper addresses the character Carl Winter, featured in *O Continente*, the first part of the trilogy *O Tempo e o Vento* (1962), written by Erico Verissimo. The theory of de character (CANDIDO, 1998; BRAIT, 1999) underlies the analysis, complemented by critical studies by Chaves (1976; 1994; 2001; 2006), Bordini (1995), Vellinho (2001), Zilberman (2004), among others, and by the historiography of Rio Grande do Sul (CÉSAR, 1971; FLORES, 1988; HOHLFELDT, 1998; REVERBEL, 1996), establishing a relationship between Literature and History. In the construction of the character, the perspective of a foreigner, doctor by profession, belonging to european culture are narrative resources employed by the writer to present a critical view of 19th century Rio Grande do Sul society.

---

## Entradas para indexação

---

**PALAVRAS-CHAVE:** *O Tempo e o Vento*. Personagem. Literatura e História.

**KEYWORDS:** *O Tempo e o Vento*. Character. Literature and History.

---

## Texto integral

---

Tratava-se positivamente de uma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha. (VERISSIMO, 2002)

### A gênese da personagem

Na trilogia *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo representa a formação do Rio Grande do Sul em um período de tempo compreendido entre 1745 e 1945. Santa Fé é o espaço imaginário onde se desenvolve a trama, uma espécie de microcosmo do Rio Grande do Sul. A descrição do contexto histórico e sociocultural de Santa Fé é concedida a alguns personagens-chave da narrativa, entre eles, o Dr. Carl Winter, um médico alemão que chega a Santa Fé no ano de 1851.

A partir da teoria da personagem (CANDIDO, 1998; BRAIT, 1999), de estudos críticos sobre *O Tempo e o Vento*, baseados principalmente em Chaves (1976; 1994; 2001; 2006), e da própria história do Rio Grande do Sul (CÉSAR, 1971; FLORES, 1988; HOHLFELDT, 1998), o artigo analisa a construção da personagem Carl Winter, atentando para a função que desempenha na estrutura da obra literária, ou seja, o olhar de um estrangeiro que revela as peculiaridades de uma sociedade no extremo sul do Brasil, na segunda metade do século XIX.

A personagem, na *Poética* de Aristóteles (1996), é tomada como um ser fictício, um ser que, embora esteja relacionado a um ser real, não tem existência real. A verossimilhança na literatura, segundo Candido (1998, p. 55), depende da possibilidade de um ser fictício, isto é, uma criação da fantasia, comunicar a impressão da verdade existencial. Assim, o texto literário estaria baseado numa relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

De acordo com Candido (1998), a personagem é o elemento mais atuante, mais comunicativo no texto literário, porém, só adquire pleno significado no conjunto da obra, na construção estrutural do texto. Dessa forma, uma investigação minuciosa da personagem Carl Winter deve contemplar não apenas os recursos narrativos que o escritor utilizou na sua construção, mas deve levar em conta o contexto geral da obra, a relação da personagem com os demais elementos constitutivos do texto literário:

[...] a vida da personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que a constituem: outras personagens, ambiente, duração temporal, ideias. Daí a caracterização depender de uma escolha e distribuição conveniente de traços limitados e expressivos, que se entrossem na composição geral e sugiram a totalidade de um modo-de-ser, dum existência. (CANDIDO, 1998, p. 75).

É como um ser autônomo, aparentemente real, que a personagem Carl Winter desponta do enredo de *O Continente*, constituindo um elemento estrutural indispensável para a narrativa. Carl Winter é apresentado ao leitor logo nas primeiras páginas do segundo volume de *O Continente*, no capítulo *A teiniaguá*, por meio de uma nota do *Almanaque de Santa Fé*, jornal organizado pela personagem Dr. Nepomuceno, juiz de direito da vila. O ano era 1853:

*A ciência de Hipócrates está representada entre nós pelo ilustrado Dr. Carl Winter, natural da Alemanha e formado em Medicina pela Universidade de Heidelberg e que fixou residência nesta vila em 1851, data em que apresentou suas credenciais à nossa municipalidade.* (VERISSIMO, 2002, p. 11, grifo do autor).

Nesse breve relato já constam informações substanciais a respeito da personagem: uma origem europeia, um título de doutor e o adjetivo “ilustrado”. A partir desse momento, o estrangeiro está autorizado por seu narrador a atuar no espaço de Santa Fé. O narrador, em terceira pessoa e onisciente, conduzirá a apresentação do Dr. Carl Winter a longo do enredo.

De acordo com Brait (1999), a apresentação da personagem por um narrador em terceira pessoa é um recurso muito antigo e eficaz, dependendo da habilidade do escritor que o utiliza, constituindo uma tentativa de criar um enredo

capaz de ganhar a credibilidade do leitor: “No Antigo Testamento, assim como nas epopeias clássicas ou nos contos de fada, a personagem não é posta em cena por ela mesma, mas por suas aventuras, pelo relato de suas ações. E nem por isso deixa de ter consistência e ganhar credibilidade” (BRAIT, 1999, p. 55).

Em *O Continente*, o narrador simula um registro contínuo, focalizando as personagens nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que as vivem. Ele vai construindo por meio de pistas fornecidas pela narração, pela descrição e pelo diálogo o perfil das personagens que transitam pela intriga e constituem o mundo a ser representado. Brait (1999, p. 58) afirma que:

A descrição, a narração e o diálogo funcionam como os movimentos de uma câmera capaz de acumular signos e combiná-los de maneira a focalizar os traços que, construindo essas instâncias narrativas, concretizando essa existência com palavras, remetem a um extratexto, a um mundo referencial e, portanto, reconhecido pelo leitor.

Nesse sentido, a caracterização física de Carl Winter, a utilização do discurso direto para mostrar sua relação com as demais personagens e do discurso indireto livre para expressar seus pensamentos e emoções, a composição do espaço e o desenho do ambiente devem combinar-se de forma harmônica para construir progressivamente o saber da personagem e do leitor, constituindo um recurso que aponta para a verossimilhança interna da obra.

O leitor toma conhecimento que Carl Winter é natural de Eberbach, pequena cidade alemã de na região de Baden-Württemberg, cuja paisagem é caracterizada pelo Rio Neckar, a Serra de Odenwald e antigos castelos. Concluiu seus estudos na cidade de Heidelberg, conhecida por sediar a mais antiga e famosa universidade de medicina da Alemanha, a *Heidelberg Ruprecht Karl*, um dos centros culturais mais movimentados da época, conhecida por receber poetas e escritores renomados como Goethe, Clemens Brentano e Joseph von Eichendorff. Além de ter convivido em um ambiente impregnado de intelectualidade, Carl Winter ainda percorreu outras cidades da Alemanha como Munique, Hamburgo, Berlim, e viajou para outros centros culturais da Europa prestigiados na época como Viena e Paris, citados ao longo da narrativa.

É provavelmente por meio de sua formação universitária e das viagens que realizou pela Europa que Carl Winter adquiriu um vasto conhecimento da cultura erudita, da música, das artes e da literatura, além de dominar ciências como a História, a Biologia e a Geografia. Na narrativa, são mencionadas como conhecidas da personagem: a mitologia grega, as tragédias de Sófocles, as obras dos escritores Heine (seu preferido), Goethe e Hoffmann, as sonatas de Mozart, Haydn, Beethoven e Schubert.

Caracterizado por uma sólida formação intelectual e cultural, Carl Winter emigra para o Brasil após envolver-se em uma Revolução, o que o impediu

de continuar na Alemanha. Sabe-se, entretanto, que sua adesão à guerra originou-se após uma decepção amorosa, cuja ferida ainda doía, como a personagem confessa a si mesma:

*Estou aqui principalmente porque Gertrude Weil, a Fräulein que eu amava, preferiu casar-se com o filho do Burgomestre. Isso me deixou de tal maneira desnortado, que me meti numa conspiração, que redundou numa revolução, a qual por sua vez me atirou numa barricada. Ora, essa revolução fracassou e eu me vi forçado a emigrar com alguns companheiros.” (VERISSIMO, 2002, p. 40, grifos do autor).*

O ano de 1848 foi marcado por uma série de revoluções na Europa, que eclodiram em função de regimes governamentais autocráticos, de crises econômicas, de falta de representação política das classes médias e do sentimento de nacionalismo, despertado na maioria dos países. Em grande parte dos Estados alemães ocorreram revoltas populares exigindo um parlamento nacional eleito que projetasse uma Constituição em defesa de uma Alemanha unificada. As manifestações e os comícios tornaram-se diários, houve choques entre soldados e manifestantes e logo surgiram barricadas, onde lutavam unidos membros da burguesia, pequenos burgueses e operários. Levando-se em consideração a época aproximada em que Carl Winter chega ao Brasil, provavelmente é a essas revoluções que ele se refere na narrativa.

Porém, mais do que fugir de sua pátria após uma revolução perdida, ele procura escapar de uma desilusão amorosa, de um amor fracassado, que o lança para o desconhecido, para a aventura na América, para um exílio voluntário. E nada melhor que um lugar exótico, ainda pouco explorado pelos europeus, de gente estranha e natureza praticamente intocada, para reorganizar os sentimentos e a vida.

A insatisfação perante os acontecimentos e a tentativa de fugir à realidade que o perturba na Alemanha fazem da viagem de Carl Winter ao Brasil uma forma de evasão. Esses e outros comportamentos manifestados pela personagem já em terras brasileiras, como a procura por lugares remotos, a busca da solidão, a contemplação da natureza, o apreço pela liberdade, as privações materiais, podem ser interpretados como atitudes românticas, manifestadas na vida e na obra de grandes poetas, prosadores e músicos alemães do século XIX, e, não por mera coincidência, os artistas preferidos da personagem, como consta na narrativa de *O Continente*.

Depois de chegar ao Brasil, algumas atitudes excêntricas de Carl Winter desafiam os padrões da classe social à qual pertencia. O fato de se estabelecer em uma vila no interior da Província de São Pedro, em um ambiente rural, portanto, contrasta com os grandes centros urbanos europeus pelos quais circulava; a elegância e o conforto da vida na Alemanha dão lugar à pobreza do lugar e à rusticidade dos hábitos dos gaúchos; o convívio com intelectuais nos centros acadêmicos é substituído pelas conversas com pessoas praticamente analfabetas,

formadas, como elas próprias diziam, pela escola da vida. Veja-se a seguinte passagem:

Que contraste aquele ambiente oferecia quando Winter o comparava com os aposentos que tivera na Alemanha! Mas aquela rusticidade, aquela pobreza davam-lhe um absurdo prazer como o que uma pessoa sente ao se infligir certos castigos sem propósito: tomar banhos frios no inverno, dormir em camas duras. (VERISSIMO, 2002, p. 38).

Ao criar a personagem Carl Winter, o escritor atribuiu-lhe uma biografia, uma formação intelectual, um perfil físico e psicológico, uma cultura, características estas voltadas para o papel que lhe seria destinado na narrativa. Dentre os críticos literários que contemplam a personagem em questão, podemos citar Vellinho (2001), que atribui a Carl Winter uma função semelhante à do coro da tragédia antiga, uma voz impessoal, alheia à sorte dos homens. Segundo o autor: “O simpático médico alemão, furtando-se de participar ativamente do novo meio, fica de fora a observar a gente e as coisas de Santa Fé, a traduzir em solilóquios as saborosas sensações que vai colecionando como se fossem besouros ou borboletas.” (VELLINHO, 2001, p. 127).

Quem confirma essa função é Zilberman (2004). Para a autora, o médico desempenha uma função similar ao coro da tragédia clássica, preparando a reação do espectador à entrada do protagonista. Porém, diferentemente da tragédia, Erico Verissimo não restringe o emprego dessa técnica à situação de índole coletiva. Ele introduz um olhar individual, que percebe as ações das personagens quando elas adentram o palco, interpretando-as de acordo com seu conhecimento do ser humano. Carl Winter, portanto, exerceria o papel de corifeu, interagindo com as personagens, mas não se deixando envolver por elas.

De acordo com Bordini (1995), a atuação de Carl Winter, um dos principais intelectuais de toda a trilogia, está mais em ser uma testemunha ilustrada do início do processo civilizatório de Santa Fé do que na de alguém que modifica o meio em que se encontra. Podemos ainda relacionar a personagem Carl Winter com o que Candido (1972) chama de “personagem contraponto”. Segundo o crítico, na maioria dos livros de Erico Verissimo há uma personagem *raisonneur*, um indivíduo que funciona como “consciência esclarecida”, geralmente representado por um escritor ou intelectual com capacidade para debater. Por essa caracterização, a visão do mundo de Carl Winter serviria para confrontar a posição defendida pela sociedade patriarcal gaúcha ou pela Igreja.

Para Chaves (2006), cabe ao Dr. Winter a função de observador arguto da geografia regional, nos sentidos fisiográfico e humano e, a partir dessa observação, dar-se-ia a revelação do “mundo do *outro*”. Sem a “nomeação do outro” realizada pela personagem, em última instância, não haveria a perspectiva crítica sobre a sociedade rio-grandense idealizada por Erico Verissimo.

O próprio escritor de *O Tempo e o Vento* explica a gênese de Carl Winter, expressa em *Solo de Clarineta*, seu livro de memórias:

A certa altura de O Continente comecei a sentir necessidade de criar uma personagem que pudesse fazer o papel de “coro” daquela comédia provinciana. Devia ser uma pessoa não só alfabetizada, mas também lida e com pontos de referência geográficos e culturais que a tornassem capaz de comparar aquela agreste e incipiente civilização sul-americana com a europeia, comentar consigo mesma ou com outras aquela gente, a vida de Santa Fé, em particular, e a da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, em geral. Dessa necessidade nasceu o Dr. Carl Winter. (VERISSIMO, 1994, p. 299).

Ao chegar ao Rio Grande do Sul, Carl Winter depara-se com um rústico povoado do interior, habitado por pessoas simples: criadores de gado e peões, soldados em potencial; e donas de casa, mães e guardiãs dos lares, em sua maioria analfabetos, inseridos num universo de relações sociais muito restrito. Nesse novo contexto, cresce sua curiosidade em conhecer e tentar compreender aquele “exótico” povo, tão diferente física e culturalmente dos alemães, tão distante geográfica e temporalmente da civilização europeia. Essa curiosidade é alimentada pela observação minuciosa dos hábitos e comportamentos das pessoas, das conversas com elas, dos causos e lendas próprios da região contados pelos nativos em sua linguagem peculiar. Tudo isso promove reflexões, nas quais a personagem analisa a sociedade rio-grandense, representada pelos moradores de Santa Fé. A análise, por sua vez, é feita sob a ótica de um estrangeiro, de alguém pertencente a outro continente, a outro mundo cultural, um *outsider*, portanto, que observa no sentido de “fora para dentro”, revelando detalhes que passariam despercebidos para um indivíduo pertencente a essa sociedade.

É preciso entender, entretanto, que a motivação de Carl Winter em conhecer esse novo mundo e sua curiosidade diante das diferenças culturais entre os povos têm raízes na mentalidade da época em que se deu sua formação, ou seja, no Romantismo. Essa nova mentalidade fez com que os românticos encarassem o mundo a sua volta como algo imperfeito, desajustado, remetendo-os a formas escapistas. A evasão no espaço, por sua vez, conduziu ao exotismo, ao gosto pelos costumes e paisagens de países novos e estranhos, e, também, ao gosto pelo bárbaro e primitivo. Dessa forma, a “cor local”, ou seja, a reprodução fiel e pitoresca dos aspectos característicos de um país, uma região, uma época, constituiu um dos recursos mais usados na arte romântica.

Essa ideia propagada pelo Romantismo invadiu também a mentalidade científica da época. Assim, o imenso território brasileiro, ainda mal desbravado pelos europeus, tornou-se o destino de milhares de viajantes e o espaço de incontáveis expedições científicas no século XIX. Temos registros de intelectuais europeus que vieram ao Rio Grande do Sul e deixaram relatos minuciosos sobre a flora e a fauna das regiões que visitaram, e, principalmente, sobre aspectos da vida dos nativos, descrevendo os povoados, os tipos físicos, as habitações, os hábitos

alimentares, o vestuário, o comportamento, enfim, o modo de ser dos habitantes da Província. Dentre os relatos mais completos e interessantes estão os de Auguste de Saint-Hilaire (1779-1859), Nicolau Dreys (1781-1843) e Arsène Isabelle (1807-1888), os quais foram acessados por Erico Verissimo para a elaboração da narrativa de *O Tempo e o Vento*.

No século XIX, o evolucionismo representava o discurso das metrópoles sobre as colônias. Todavia, tratava-se de um discurso de poder, no qual o mais forte colocava-se no polo mais avançado, civilizado e científico. Dessa maneira, a visão do mundo dos viajantes europeus e, por conseguinte, da personagem Carl Winter não deixa de estar sob a influência dessas ideias dominantes e do contexto social, econômico e cultural em que estavam inseridos antes de emigrar para o Brasil.

Ao chegar ao Rio Grande do Sul, em 1851, o alemão parece observar a sociedade gaúcha através das lentes do evolucionismo, baseado na noção de progresso da humanidade, herança do Iluminismo. Carl Winter reconhecia que ali se desenvolvia também uma cultura, porém, não no mesmo estágio de civilização que a europeia, como mostra a seguinte passagem:

A paisagem era civilizada, mas os homens não. Tinham rudes almas sem complexidade, e eram movidos por paixões primárias. A lida dos campos e das fazendas tornava-os ásperos e agressivos. Lidar com potros bravos, curar bicheiras, sangrar e carnear o gado, laçar, fazer tropas – eram atividades violentas que exigiam fortaleza não só de corpo como também de espírito. [...] Depois havia as guerras. Era raro passar uma geração que não visse pelo menos uma guerra ou uma revolução. E como eram primitivas aquelas guerras em que brasileiros e castelhanos se engalfinhavam – primitivas na estratégia e nos armamentos. Mas nem por isso eram menos brutais e cruéis que as guerras europeias. (VERISSIMO, 2002, p. 47).

Carl Winter acredita, de acordo com essa análise, que o ambiente contribuía para determinar seu modo de ser. O trabalho rude nas estâncias, as guerras, as povoações esparsas, faziam com que as pessoas se tornassem brutas, sendo que, às vezes, conviviam em maior harmonia com os animais do que com os outros humanos.

### **Carl Winter no contexto sociocultural de Santa Fé**

Imbuído dos ideais de progresso e evolução, Carl Winter toma como referência a sua cultura, a europeia, para analisar a cultura dos rio-grandenses, ou seja, aspectos da vida na Alemanha são comparados com os de Santa Fé e colocados em nível de desigualdade, sendo que a primeira é tida como superior em relação à segunda. Citaremos, em seguida, algumas passagens da narrativa sobre



aspectos importantes na constituição de uma cultura: alimentação, habitação, vestuário, arte e música.

Para o Dr. Winter, os habitantes do Rio Grande do Sul pouco se distanciavam do estado de natureza, ou seja, não possuíam um domínio de técnicas mais avançadas para controlar os elementos naturais e transformá-los, como se verifica na seguinte passagem:

Os lavradores daquela província só agora começavam a conhecer e a usar o arado bíblico. E ninguém ali – suprema medida de uma civilização! – sabia fazer bom pão e bom vinho. [...] Tratava-se positivamente de uma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha. (VERISSIMO, 2002, p. 49).

Ao relacionar o pão e o vinho como alimentos de um povo civilizado, Carl Winter parece reportar-se à Antiguidade, aos mundos grego e romano. Montanari (1998) afirma que nas civilizações grega e romana, o pão e o vinho são exemplos absolutos de artifício, de produtos totalmente “culturais” em todas as fases de sua preparação, tornando-se, assim, símbolos da civilização, da distinção entre o homem e o animal, entre o civilizado, que fabrica seus alimentos, e o “bárbaro”, que se satisfaz em coletar o que encontra no meio natural e em caçar.

O pão – e é preciso acrescentar a ele também o vinho e o óleo – é o sinal que distingue uma sociedade que não repousa sobre recursos “naturais”, mas que é capaz de fabricar, ela própria, seus recursos, de criar – com a agricultura e a criação de animais – suas próprias plantas e seus próprios animais. (MONTANARI, 1998, p. 111).

A alimentação torna-se, assim, um elemento constitutivo da identidade de um povo. Para as sociedades civilizadas, aqueles que não se dedicavam à agricultura, que não comiam pão e não bebiam vinho, eram classificados como selvagens e bárbaros: seu alimento era a carne, sua bebida, o leite. Não por mera coincidência, Carl Winter menciona a alimentação dos nativos da Província, composta principalmente por carne. Para a maior parte da população, os peões, essa carne, sem nenhum preparo especial, era colocada para assar e devorada logo em seguida. Salienta-se que na época representada na narrativa, muitos rebanhos ainda se reproduziam soltos nas pastagens, cabendo aos homens apenas “caçar” o animal entre o gado para a obtenção do alimento.

Nesse sentido, a assertiva “Tratava-se positivamente de uma sociedade tosca e carnívora, que cheirava a sebo frio, suor de cavalo e cigarro de palha.” (VERISSIMO, 2002, p. 49) é, sem dúvida, uma das mais expressivas manifestações da personagem sobre o Rio Grande do Sul, pois emite um juízo de valor e sintetiza sua opinião sobre a sociedade gaúcha. Através dessa passagem é revelado ao leitor

que a visão de Carl Winter contemplava uma paisagem cultural rústica e rude, “atrasada” na escala da evolução, em que a natureza imperava quase que absolutamente, em que homens eram dominados pelos instintos, pouco se diferenciando dos animais.

A rusticidade e o desconforto das habitações, a falta de delicadeza no comportamento das pessoas e a pobreza de suas músicas também são elementos analisados pela personagem, no seguinte trecho:

As casas eram pobres, primitivas, sem gosto nem conforto, quase vazias de móveis; em suas paredes caiadas não se via um quadro, uma nota de cor que lhes desse um pouco de graça. No inverno o minuano entrava pelas frinchas, cortante como uma navalha. Nos dias de chuva os homens traziam barro para dentro de casa nas suas botas ou nos pés descalços. Havia em tudo uma rusticidade e uma aspereza que estavam longe de ter o encanto antigo e a madureza das coisas e das gentes camponesas da Baviera, da Pomerânia ou do Tirol – onde existia uma tradição no que dizia respeito a móveis, roupas, comidas, danças, lendas e canções. [...] Como era escassa a música daquela gente! Não passava duma cantilena que tinha o ritmo do trote do cavalo, um lamento prolongado, pobre de melodia. (VERISSIMO, 2002, p. 49).

Tomando como referência a cultura alemã, na qual se destacam o cuidado com as casas e jardins, a limpeza e a arrumação dos interiores das moradias, a imensa variedade de canções e lendas, Carl Winter compara as aldeias da Alemanha com a zona rural do Rio Grande do Sul, revelando nitidamente a classificação que faz da sociedade gaúcha, colocando-a num estágio de civilização inferior à europeia. No entanto, mesmo julgando a cultura gaúcha como inferior ou até mesmo incivilizada, a personagem admitia que o Rio Grande do Sul, assim como o Brasil, estava apenas iniciando sua caminhada rumo ao progresso: “Mas era preciso ter paciência e compreender que aquele era um país novo, ainda na sua primeira infância.” (VERISSIMO, 2002, p. 48). Ou seja, mesmo apresentando uma visão etnocêntrica sobre a sociedade rio-grandense, a personagem Carl Winter tentará buscar na origem do povo e na história de sua formação a explicação para a cultura que ali se desenvolvia.

### **As forças de destruição e preservação**

Carl Winter, através do olhar de estrangeiro, acaba por compreender o povo rio-grandense como uma “sociedade tosca e carnívora”. As guerras, a organização social e econômica, o machismo e o código de honra dos homens, a aspereza das relações, tudo isso é observado curiosamente pela personagem, que tira suas próprias conclusões sobre a sociedade que se desenvolvia diante de seus olhos.

Para o médico alemão, as guerras constituíam um fator determinante na configuração da sociedade rio-grandense. O permanente estado de guerra em que viviam os homens influenciava suas personalidades, pois tornava-os rudes, agressivos, numa atitude sempre ofensiva. Como explica César (1971, p. 37), o gaúcho “viveu perigosamente” e a presença do risco e das surpresas deixou-lhe traços profundos no espírito e no caráter. Porém, se eles viveram entre perigos, os da guerra não eram menores que os do pastoreio rudimentar, assim, a ação pronta, a energia muscular, os movimentos rápidos, passaram a caracterizar o tipo clássico do rio-grandense.

Se o trabalho rude nas estâncias e as guerras intermitentes pela posse das terras da fronteira desempenharam uma função seletiva, moldando o caráter do rio-grandense, na opinião de Carl Winter, as guerras também prejudicavam o progresso econômico da região, pois com a diminuição do número de peões, recrutados pelo serviço militar, os rebanhos ficavam abandonados nas estâncias e os povoados praticamente esvaziavam-se de homens em condições de trabalhar. Mesmo assim, as constantes guerras e revoluções acabavam por tornar-se uma tradição entre os homens. Não raras vezes, os peões nem sabiam o verdadeiro motivo pelo qual lutavam, mas arriscavam a vida bravamente, como Carl Winter comenta neste trecho:

Em muitos casos os soldados lutavam descalços e armados de lanças de paus; eram mal alimentados e raramente ou nunca recebiam soldo. Poucos sabiam ao certo por que lutavam, mas havia na Província a tradição de “pelear com os castelhanos”, e seus homens encaravam as invasões como uma fatalidade, como um ato de Deus – uma espécie de praga periódica tão inevitável como uma seca ou uma nuvem de gafanhotos. Mercê dessas lutas haviam surgido verdadeiros senhores feudais na Província. Eram os estancieiros como o Cel. Amaral, a quem o governo amparava e dava privilégios, na certeza de que na hora da guerra eles viriam com seus peões, agregados, amigos e assalariados para engrossar o exército regular. (VERISSIMO, 2002, p. 47).

De acordo com a narrativa, embora correndo o risco de perderem a vida, os soldados sacrificavam-se nos campos de batalha, onde seus atos de bravura eram enaltecidos. A valorização de qualidades como coragem e bravura encontra sua explicação no próprio processo de formação da sociedade rio-grandense. Segundo César (1971), a colonização das terras do Rio Grande do Sul, obedecendo primeiramente a interesses políticos da Coroa Portuguesa para a conquista de territórios e, mais adiante, interesses econômicos das capitânicas do centro, pela oferta de carne e animais de tração, processou-se num ambiente carregado de apreensões e entremeado de lutas cruéis, o que contribuiu para supervalorizar os homens de ação, os soldados e comandantes, enfim, todos aqueles que pela sua bravura representassem uma garantia de resistência eficaz às pretensões espanholas. Assim, “a sociedade resultante desse amálgama de bravos habituou-se

a admirar e querer o valor pessoal, a audácia e a pugnacidade.” (CÉSAR, 1971, p. 29).

Carl Winter chega à Província de São Pedro alguns anos após o término da Guerra dos Farrapos (1835-1845), quando findava outra revolução, mais curta, mas nem por isso menos sangrenta que a primeira, a guerra contra Rosas (1851-1852), ditador da Argentina. Durante sua participação na narrativa, que vai até as últimas páginas de *O Continente*, Carl Winter acompanhou o desenrolar de outros momentos decisivos na história política e social do Rio Grande do Sul. Zilberman (2004, p. 30) apresenta a seguinte cronologia de batalhas, paralelas ao desenrolar dos fatos de *O Tempo e o Vento*, da qual selecionamos somente o período de nosso interesse para a caracterização da personagem. São elas: os conflitos com os países vizinhos do Prata até 1864; a Guerra do Paraguai (1865-1870); a guerra dos Muckers (1874); as campanhas abolicionista e republicana (1888-1889); a ascensão de Júlio de Castilhos (1891), a Revolução Federalista (1893-1895) e a vitória do partido de Júlio de Castilhos. Nesse contexto, muitas vezes, Carl Winter observava pessoas conhecidas partindo, voltando ou morrendo em uma guerra. Constantemente também, ele ouvia os homens de Santa Fé contarem causos de guerras passadas, de combates sangrentos, de atos heroicos e de covardias, enquanto que as mulheres falavam dos longos períodos de espera e lembravam de seus mortos.

Outro problema levantado por Carl Winter era o da instrução pública. Segundo suas observações, existiam poucas escolas, todas de primeiras letras, e uma escassez de professores ainda maior. Além disso, era assustador o isolamento em que se encontravam as estâncias, os povoados, as vilas e cidades da Província. As estradas eram poucas e péssimas. Winter acreditava que o próprio governo era responsável pela situação de abandono em que viviam os moradores do Rio Grande do Sul, como mostra a seguinte passagem:

Havia anos que os santa-fezenses tinham pedido ao governo o provimento de escolas públicas para as paróquias do município, a abertura de mais estradas e o estabelecimento de colônias. A indiferença da Assembleia Provincial ante aqueles pedidos era simplesmente pasmosa. Não era, pois, de admirar que as pessoas em Santa Fé crescessem e morressem analfabetas... Às vezes – refletiu Winter – parecia que a única função dos homens da Província do Rio Grande do Sul era a de servirem periodicamente como soldados a fim de manterem as fronteiras do país com a Banda Oriental e a Argentina. (VERISSIMO, 2002, p.104).

Segundo Flores (1988), depois de dez anos de guerra civil, a Guerra dos Farrapos, a Província estava arrasada economicamente, com a administração paralisada e a Assembleia Legislativa em recesso há oito anos, voltando a ter sua primeira sessão somente em 1846. Nessas condições, a instrução pública encontrava-se em situação precária, pois:

[...] os professores não possuíam preparação para o magistério, qualquer pessoa que se considerasse com competência podia ensinar, na base da palmatória. A instrução secundária era com aulas isoladas de filosofia, latim, francês e geometria, localizadas separadamente em Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo. O aluno estudava o dia inteiro e só trocava de professor depois de concluir o estudo de determinada matéria. (FLORES, 1988, p. 60).

Décadas depois, já em 1893, continua Flores (1988), o Rio Grande do Sul possuía 63 municípios, com o total de 897.000 habitantes, sendo que a maioria da população ainda vivia em área rural. E mesmo o governo estadual exercendo uma “ditadura científica” para ter ordem e alcançar o progresso, 74% da população não sabia ler nem escrever. O jovem que conseguisse concluir o ginásio (ensino fundamental) estava apto para trabalhar na função pública e no comércio.

Nesse sentido, a falta de escolarização e a situação de isolamento afetavam sobremaneira o modo de vida dos rio-grandenses. Eles tinham pouco contato com pessoas vindas de outros povoados, ignoravam acontecimentos importantes ocorridos no país e até mesmo na própria Província ou ficavam sabendo dos fatos muito tempo depois de terem ocorrido. Viviam, por assim dizer, num mundo muito limitado de informações, onde caras, fatos e assuntos eram os mesmos de sempre, como mostra o seguinte trecho de uma carta enviada a Kosertiz<sup>1</sup> por Carl Winter:

*Raramente aparece uma cara nova na vila. Um dia é igual a outro dia. O correio chega uma vez por semana, quando chega. Uma carroça leva uma eternidade para ir ao Rio Pardo e voltar. As pessoas em geral são boas, mas duma bondade meio seca e áspera. Os assuntos, limitados. Fala-se em gado, em cavalos, em tropas, invernadas, comidas, campos ou então em histórias de brigas, guerras e revoluções passadas ou guerras e revoluções que estão para vir. (VERISSIMO, 2002, p. 115, grifo do autor).*

Ao observar os homens da Província de São Pedro, Carl Winter notava que, no geral, eles possuíam as mesmas características, em maior ou menor intensidade. Além do gosto pelas guerras, eram ásperos e agressivos, dados a aventuras amorosas com as chinocas, escravas ou concubinas, com as quais tinham filhos, embora suas esposas legítimas devessem manter-se fiéis. Se alguém ousasse olhar mais demoradamente para suas mulheres, certamente teria que “dar uma satisfação”, em outras palavras, seria desafiado para um duelo. Segundo Winter:

O código de honra daqueles homens possuía em nítido sabor espanhol. Falavam muito em honra. No fim de contas o que realmente importava para eles era “ser macho”. Outra preocupação dominante era o de “não ser corno”. Não levar desaforo para casa, saber montar bem e ter tomado parte pelo menos numa guerra eram as glórias supremas daquela gente meio

bárbara que ainda bebia água em guampas de boi. (VERISSIMO, 2002, p. 48).

Mesmo não existindo na forma escrita, os artigos desse código de honra propagavam-se entre os homens da Província através de exemplos e causos que corriam de boca em boca. Segundo esse código, um homem para ser bem macho, devia ter “barba e vergonha na cara”, além de nunca faltar à palavra empenhada, custasse o que custasse. Caso contrário, a honra manchada seria lavada com sangue:

Honra e vergonha... – pensou Winter. Como os homens do Rio Grande falavam em honra e vergonha! Honra manchada lavava-se com sangue. Havia uma lei que proibia os duelos, mas os duelos se realizavam assim mesmo, a tiros, a espada, a adaga. O Dr. Nepomuceno falava com solenidade em Justiça, mas aqueles homens realistas não confiavam em juízes e tribunais. Resolviam suas pendências pelas armas: faziam justiça pelas próprias mãos. (VERISSIMO, 2002, p. 140).

Se o que importava para o rio-grandense era saber montar, ter participado de uma guerra e garantir a honra, certamente não sobrava espaço para obras do espírito. As formas artísticas não possuíam qualquer valor em meio àquela gente prática, preocupada em resolver questões concretas do cotidiano. Pior que isso, as manifestações artísticas poderiam colocar em dúvida a própria masculinidade dos homens da Província. Winter observava que:

Os “homens machos” da Província de São Pedro pareciam achar que toda a preocupação artística era, além de inútil, efeminada e por isso olhavam com repugnada desconfiança para os que se preocupavam com poesia, pintura ou certo tipo de música que não fossem as toadas monótonas de seus gaiteiros e violeiros. (VERISSIMO, 2002, p. 49, grifo do autor).

Em compensação à desvalorização das artes, o jogo era levado muito a sério, podendo-se apostar até mesmo a vida. Muitas vezes, os jogos tornavam-se perigosos e violentos. De acordo com Côrtes (1985), as diversões naqueles agrupamentos humanos constituídos quase exclusivamente por homens limitavam-se à corrida de cavalos, ao jogo de cartas, e, quando muito à utilização de arma branca para jogos de destreza. Carl Winter também presencia a violência que envolvia os jogos entre os homens:

Havia nas gentes da Província em certo acanhamento desconfiado que nos homens se transformava num ar agressivo. Falavam alto, com jeito dominador, de cabeça erguida. Entre fascinado e

assustado, Winter assistira a várias carreiras em cancha reta, e mais de uma vez o haviam chamado para atender algum homem que fora estripado num duelo por causa duma “diferença de pescoço” ou de qualquer outra dúvida quanto à decisão do juiz. Gostava de ver certo tipo de gaúcho que se sentava no chão para jogar cartas e antes de começar o jogo cravava sua adaga na terra, entre as pernas abertas, numa advertência muda ao adversário. (VERISSIMO, 2002, p. 48-49).

Se, por um lado, a relação entre os homens assumia uma forma violenta, por outro, a relação entre os homens e seus cavalos manifestava-se de forma afetiva. Mais do que um meio de transporte, o rio-grandense via no cavalo um companheiro, uma força indispensável no pastoreio e na guerra. Sendo assim, tratava-o bem, enfeitava ricamente seu fiel amigo com aparatos de prata e, normalmente, dava-lhe mais valor que à mulher. Carl Winter assinala:

E a importância que o cavalo tinha na vida da Província! Para os “continentinos” o cavalo era um instrumento de trabalho e ao mesmo tempo uma arma de guerra, um companheiro, um meio de transporte; para alguns gaúchos solitários as éguas serviam eventualmente de esposa. Winter conhecia ali homens que à força de lidar com cavalos começavam já a ter no rosto traços equinos. (VERISSIMO, 2002, p. 48, grifo do autor).

De acordo com Reverbel (1996), tendo-se formado no Rio Grande do Sul uma sociedade de pastores e cavaleiros, nada mais natural que o culto do gaúcho ao cavalo. E a função desse animal foi primordial em todos os momentos: nos períodos de guerra e paz, nos entreveros e cargas de lança, nas arreadas e nas tropeadas. Sem a utilização do cavalo, o laço e as boleadeiras, instrumentos indispensáveis no trabalho e no domínio sobre o gado, teriam seu uso muito limitado.

Todas estas características que Winter percebe nos homens da Província, como o código de honra baseado no machismo, o gosto pelo jogo, o tratamento dispensado ao cavalo, são traços herdados do tipo social do gaúcho antigo, que na caracterização de Hohlfeldt (1998), é anterior à Revolução Farroupilha, e deixou marcas nas gerações que o sucederam:

O que se pode dizer, em síntese, é que o gaúcho, enquanto tipo social, surgira e se consolidara nestes horizontes sem-fim da paisagem, nos campos sem fronteira, cuja propriedade frouxa e pouco utilizada permitia a longa cavalgada em linha reta, tal como faz o Capitão Rodrigo logo depois do nascimento de seu primeiro filho. [...] Esse gaúcho andejo, pobre porque sem qualquer propriedade, leal e valoroso, quando muito possuía e defendia, como seu, o cavalo, os aperos, suas roupas e armas. Dormia ao relento, trabalhava quando lhe dava gana, negava-se ao comando

de qualquer um que não reconhecesse de livre e espontânea vontade, coragem e valentia superiores ou ao menos semelhantes às suas. Gostava do jogo, não levava desaforo de ninguém e seu código de honra incluía a vingança. A mulher servia-lhe em geral apenas como fêmea, podendo ser eventualmente substituída por algum animal. Não desrespeitava a mulher, mas não a valorizava. Entre a mulher e um cavalo, certamente ficava com esse último, conforme se lê em diferentes textos. (HOHLFELDT, 1998, p. 23-24).

Essas características também são manifestadas pelas personagens masculinas com as quais o Dr. Winter mantém maior contato: os descendentes do Capitão Rodrigo Cambará, protótipo do gaúcho, Bolívar e seu filho Licurgo, e em menor intensidade, nos descendentes da família Terra, Juvenal e seu filho Florêncio. Entretanto, Carl Winter percebe que os representantes dessas duas famílias apresentam certas diferenças em termos de comportamento. Enquanto os machos Cambará, por terem o sangue do Capitão Rodrigo, que segundo a descrição de uma das personagens era “chineiro, jogador, gostava de empinar o seu copo, vivia metido em fandangos e não era amigo do trabalho” (VERISSIMO, 2002, p. 96), possuem os gestos mais teatrais, são impetuosos e predispostos à guerra, os homens Terra, portadores do sangue de Ana Terra e Pedro Missioneiro, são mais inibidos, pacíficos e de poucas palavras. Dessa forma, Carl Winter não só faz a caracterização geral do homem rio-grandense, mas também percebe que há vários tipos de gaúchos, identificando suas particularidades.

Pode-se dizer, portanto, que a partir da ótica de Carl Winter, que observa os homens da Província de São Pedro e reflete sobre seu código de honra, baseado no machismo e na violência, Erico Verissimo consegue concretizar sua intenção de desconstruir a imagem idealizada da sociedade gaúcha. Como lembra Young (1997), em vez de glorificar as guerras e seus generais, os grandes coronéis estancieiros, a estrutura social patriarcalista, a obra de Erico Verissimo os critica. E ele faz isso ao destacar o papel não celebrado do povo humilde no passado da região, ao ressaltar a função dos peões que constituíram a força de guerra na defesa das fronteiras da Província.

Enquanto os homens possuíam uma vida agitada, sempre às voltas com o trabalho nas estâncias, fazendo rodeios, laçando e carneando o gado, curando bicheiras, fazendo tropas, divertindo-se com jogos e fandangos e, inevitavelmente, servindo de soldados nas guerras, Carl Winter nota que as mulheres, pelo contrário, pouco destaque tinham na vida social da Província:

O destino das mulheres naquele fim de mundo era bem melancólico. Não tinham muitos direitos e arcavam com quase todas as responsabilidades. Sua missão era ter filhos, criá-los, tomar conta da casa, cozinhar, lavar, coser e esperar. Dificilmente ou nunca falavam com estranhos e Winter sabia que um forasteiro que dirigisse a palavra a uma senhora corria o risco de incorrer na



ira do marido, do pai ou do irmão dessa senhora, que lhe viria imediatamente “tirar uma satisfação”. (VERISSIMO, 2002, p. 48).

O campo de atuação das mulheres situava-se dentro dos limites da própria casa e do quintal. Possuíam pouca ou nenhuma escolaridade e, eventualmente, saíam de casa para visitar alguma comadre ou ir à missa. A principal função das mulheres era cuidar do marido e criar os filhos para depois vê-los partirem para a guerra, na esperança de que voltassem um dia. Não havia na Província mulher que durante sua vida não tivesse esperado pelo fim de uma guerra para rever o pai, os irmãos, o marido ou os filhos, e, não raro, esse reencontro jamais se concretizava. Na observação de Carl Winter:

Eram estas em sua maioria analfabetas ou de pouquíssimas letras e tinham uma assustadora tendência para a obesidade. (Trude! Trude! Toma cuidado.) Eram tristes e bisonhas, e as contínuas guerras quase não lhes permitiam tirar o luto do corpo; por isso traziam nos olhos o permanente espanto de quem está sempre a esperar uma notícia trágica. (VERISSIMO, 2002, p. 48).

A aparência das mulheres rio-grandenses chamava a atenção de Carl Winter pela tendência à obesidade. Limitadas ao âmbito doméstico, com pouca atividade física e afeitas a uma alimentação abundante, era natural que engordassem. O Dr. Winter, frequentador do Sobrado, ficava surpreendido com a quantidade de pratos que havia nas refeições das famílias com boas condições financeiras da Província: “Nunca menos de seis, e às vezes até dez. Não raro numa refeição serviam-se quatro ou cinco variedades de carne, e nenhuma verdura.” (VERISSIMO, 2002, p.101). No entanto, o médico entendia que os continentinos preferiam as mulheres desse tipo, mais encorpadas, pois possivelmente comparavam-nas com o gado:

A tendência que as mulheres daquela província tinham para engordar! Com exceção das filhas de Florêncio, as outras moças eram rechonchudas, tinham ancas largas e seios fartos. Os gaúchos pareciam gostar desse tipo, pois talvez as julgassem como julgavam as vacas leiteiras: quanto maior o úbere, mais leite. Depois que casavam, então, aquelas fêmeas botavam corpo e ficavam como a esposa do Veiga da Casa Sol, que ali estava junto do vigário, apertada num vestido de cetim azul-marinho, com sua cara de bolo de milho abatumado, o seu duplo queixo duma moleza e duma brancura de requeijão, a mirar o declamador com seus olhinhos empapuçados em que havia uma vaga luz de espanto... *Mein Gott!* (VERISSIMO, 2002, p. 350-351).

Dentre as mulheres que aparecem em *O Continente*, destacam-se as impressões do Dr. Winter a respeito de duas personagens principais: D. Bibiana Terra Cambará e Luzia Silva Cambará. A maior parte da caracterização dessas

figuras femininas na narrativa é realizada pela ótica do médico alemão, que as observa com riqueza de detalhes e conclui que cada uma, à sua maneira, não correspondia ao perfil das mulheres rio-grandenses. Ao observar Bibiana e, depois, Maria Valéria, o médico alemão percebe a personalidade forte das mulheres Terra, que defendem a família e as posses a qualquer preço, seja enfrentando uma teiniaguá (Luzia Silva) ou a ira de um homem macho.

De acordo com Chaves (2001), enquanto os guerreiros e caudilhos se destruíam na coxilha, manchando de sangue os campos, a continuidade da existência ficava assegurada pelas personalidades verdadeiramente fortes das mulheres que defendiam o Sobrado e escutavam o passar do vento na longa espera de que a paz voltasse a se estabelecer. Na opinião do autor, “é nas mulheres, sempre moralmente mais fortes do que os seus homens, que se estabelece o sustentáculo do mundo que ameaça desabar” (CHAVES, 1976, p. 87).

Sob essa perspectiva, os homens tornam-se personagens do presente, heróis e guerreiros; as mulheres tornam-se força de preservação, cabendo a elas assegurar a continuidade de um mundo que se volta sempre para o futuro. Assim, em *O Tempo e o Vento*, como explica Chaves (1994), enquanto a sequência cronológica avançava mediante lutas fratricidas de Cambarás e Amarais, gestos heroicos de Capitão Rodrigo e Licurgo, a visão do mundo de Erico Verissimo, sua crença nos valores permanentes da vida, está expressa na saga de Ana Terra, de Bibiana, de Maria Valéria.

Pode-se dizer, portanto, que é na preservação da vida, garantida pelas mulheres, e não na destruição causada pelos homens mediante as guerras, que se expressa a ideologia humanista do escritor de *O Tempo e o Vento*. A personagem Carl Winter, nesse sentido, reflete a ideologia de Erico Verissimo ao entrever as forças de destruição e preservação que se manifestavam no Sobrado, ao perceber o papel dos homens e das mulheres na configuração da Província de São Pedro.

### Considerações finais

O Dr. Carl Winter não é apenas um alemão caracterizado pelos seus traços físicos, vestuário e linguagem, é, acima de tudo, um estrangeiro, alguém egresso da cultura europeia, um intelectual capacitado para analisar de forma crítica o contexto sociocultural gaúcho. Erico Verissimo cria essa personagem pela necessidade, na narrativa, de uma voz ilustrada, representada por um sujeito que, sem nenhuma ligação emocional nem com a terra nem com as pessoas, pudesse emitir opiniões imparciais sobre a sociedade em questão.

Graças aos elementos que usa para descrever e definir a personagem, de maneira que ela possa dar impressão de vida, o romancista é capaz de criar um ser ilimitado, contraditório, infinito em sua riqueza. Contudo, o leitor apreende essa riqueza e toma a personagem como um todo coeso diante de sua imaginação. Conforme Candido (1998, p. 59), “a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por todas, é muito mais precisa do que a que vem da

existência. Daí podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo.”

A impressão de verdade da personagem Carl Winter, portanto, não depende apenas da relação com modelos reais propostos pela observação como, por exemplo, os viajantes europeus que realizaram expedições científicas no Brasil no século XIX, nem pela apropriação de eventos históricos do Rio Grande do Sul. Depende, sim, da função que exerce na estrutura do romance, tornando-se uma questão de economia interna da obra. Em função disso, justifica-se, na narrativa, a opinião de uma personagem instruída, viajada, sensível para captar as peculiaridades do ser humano e crítica o suficiente para interpretá-las. Daí, a observação do povo rio-grandense como uma sociedade “tosca e carnívora”, formada por gente rude e primária, por homens machos, cuja honra maior consistia em pelear numa batalha, e por mulheres melancólicas, que não tiravam o luto do corpo. Daí a crítica a um povo marcado pela violência e pela morte, em um território onde as guerras regulavam o passado e o futuro, atravancando o progresso da região, destinando-a ao isolamento e à carência cultural.

Ao criar e inserir na narrativa de *O Tempo e o Vento* a personagem do Dr. Carl Winter, Erico Verissimo apropria-se do “olhar do outro”. Transformando-se no outro, consegue o distanciamento necessário para analisar sua própria sociedade.

## Notas

1 Karl Von Kosetitz (Dessau, 1830 - Porto Alegre, 1880) foi professor, folclorista, empresário, jornalista e escritor teuto-brasileiro. É considerado um dos mais eruditos e ativos jornalistas do século XIX no Rio Grande do Sul, onde exerceu larga influência em sua época. Erico Verissimo apropria-se dessa personagem histórica e insere-a na narrativa como amigo e correspondente do Dr. Carl Winter.

---

## Referências

---

ARISTOTELES. *Poética*. Porto Alegre: Globo, 1996.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM/EDIPUCRS, 1995.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CANDIDO, Antonio. Erico Verissimo de trinta a setenta. In: CHAVES, Flávio Loureiro. *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

CANDIDO, Antonio (org.). *A personagem de ficção*. 9. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

CESAR, Guilhermino. *História da Literatura no Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Globo, 1976.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e Invenção: Ensaio de Literatura*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Ponta de Estoque*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.

CORTÊS, Paixão; LESSA, Barbosa. *Aspectos da Sociabilidade Gaúcha*. Porto Alegre: Proletra, 1985.

FLORES, Moacyr. *História do Rio Grande do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998.

GONZAGA, Sérgio. As mentiras sobre o gaúcho: primeiras contribuições da literatura. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sérgio (Orgs.) *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

HOHLFELDT, Antônio. *Literatura e vida social*. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.

MONTANARI, Máximo. Sistemas alimentares e modelos de civilização. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Máximo. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998, p. 85-102.

REVERBEL, Carlos. *O Gaúcho: aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.

VELLINHO, Moysés. O Tempo e o Vento. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). *Ensaio Literários: Moysés Vellinho*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Corag, 2001, p.123-131.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento: O Continente* vol. 1 e 2. São Paulo: Globo, 2002.

VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. São Paulo: Globo, 1994.

YOUNG, Theodore Robert. *O questionamento da História em O Tempo e o Vento*. Lajeado: FATES, 1997.

ZILBERMAN, Regina. Luzia Silva Cambará – revendo a tradição do mito. In: BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O Tempo e o Vento: História, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 87-101.

---

### Para citar este artigo

---

BALZAN, Carina Fior Postinger. Sob o olhar do estrangeiro: o Rio Grande do Sul na perspectiva do Dr. Carl Winter, de *O Tempo e o Vento*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8, n. 3, p. 309-329, set.-dez. 2019.

---

## A autora

---

**Carina Fior Postinger Balzan** é doutora em Letras (UCS), mestre em Letras e Cultura Regional (UCS), docente do IFRS-Campus Bento Gonçalves. Atua na área de Literatura, leitura e formação de leitores.